

Eris ainda não tem soluções

Washington — O presidente do Banco Central, Ibrahim Eris, disse ontem à imprensa, em Washington, depois de se encontrar com o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, e com o diretor do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, que o Brasil só poderá retomar o pagamento dos juros “quando achar que tem condições de fechar um acordo com os bancos”. Eris afirmou, ao concluir sua visita de dois dias aos Estados Unidos que o Brasil, hoje, “nem sabe a quem pagar e o que”.

Ibrahim Eris disse que “terá que admitir que as negociações serão difíceis”, quando fizer ao presidente Collor um relatório da sua viagem. Num momento da entrevista ele se mostrou confiante de que “o Brasil contará com toda a ajuda que for necessária” do governo americano e das organizações financeiras internacionais, mas quando um repórter perguntou se ele tinha obtido alguma promessa concreta, corrigiu: “Não. Estou interpretando”.

O panorama das linhas de crédito de curto prazo, que sustentam o comércio exterior brasileiro, é dos mais sombrios: elas estão cada vez mais curtas, em volume e tempo. Eram 15 bilhões de dólares, mas Eris não revelou, ontem, a que nível se encontram agora (no final da moratória do

ministro Dilson Funaro elas perderam cerca de quatro a cinco bilhões de dólares). Ele apenas comentou: “Pode ocorrer alguma aceleração nesse processo de encurtamento e desaparecimento dessas linhas nos próximos meses. Embora esse seja um dos pontos de fraqueza da posição brasileira, não é fatal, porque montamos um esquema no Banco Central para substituir essas linhas”.

O diretor do FMI, Michel Camdessus, recomendou que o Governo brasileiro invista mais tempo na explicação do seu programa, que foi recebido com uma certa confusão pela comunidade financeira. Ibrahim Eris informou que a próxima campanha de esclarecimento será desenvolvida na Europa e no Japão.

“O gargalo hoje não está mais no FMI e sim nos bancos credores e no Clube de Paris”, explicou Eris, ao sair do FMI, terça-feira à noite. Ele não sabia quando que a carta de intenções do Brasil seria encaminhada para a aprovação da diretoria. “Mais uma semana, ou menos, não faz diferença alguma”, ele comentou. “Não precisamos deste dinheiro (2,2 bilhões de dólares) enquanto não fecharmos um acordo com os bancos”.

Ibrahim Eris não revelou detalhes da “conversa reservada” que manteve com o subsecretário Mulford.